

# TESTE DE REPRESENTATIVIDADE: UMA ALTERNATIVA METODOLÓGICA PARA AVALIAR PRESENÇA E PROTAGONISMO EM PRODUTOS MIDIÁTICOS<sup>1</sup>

*REPRESENTATIVENESS TEST: A METHODOLOGICAL ALTERNATIVE TO  
PRESENCE AND LEAD ROLES IN MEDIA PRODUCTS*

*PRUEBA DE REPRESENTATIVIDAD: UNA ALTERNATIVA METODOLÓGICA PARA  
EVALUAR PRESENCIA Y PROTAGONISMO EN PRODUCTOS MEDIÁTICOS*

*Original recebido em: 27 de setembro de 2025*

*Aceito para publicação em: 12 de janeiro de 2026*

*Publicado em: 09 de abril de 2026*

Olívia Pilar

*Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil*

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo

## RESUMO

Este artigo apresenta uma alternativa metodológica para analisar representatividade em produtos midiáticos, desenvolvida a partir de trabalhos anteriores (Souza, 2021). O procedimento organiza-se em quatro passos: 1) a observação das representações; 2) a definição das imagens de controle; 3) a identificação dos eixos de resistência às imagens de controle (Collins, 2019a) nas representações localizadas; e 4) a aplicação do Teste de Representatividade com escala ordinal de três pontos (0–1–2). Nossa tese é a de que a representatividade pode ser mensurada, desde que como processo; nesse sentido, combinamos as notas de cada indicador em uma média (0–2), o que indicará maior ou menor nível de representatividade em cada produto, em vez de um rótulo “representativo” ou “não representativo”.

**Palavras-chave:** Eixos de resistência; Imagens de controle; Metodologia de análise; Representatividade.

---

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. Agradeço às professoras Vanessa Veiga de Oliveira e Ana Carolina Soares Costa Vimieiro pelas orientações e contribuições fundamentais durante o mestrado e o doutorado.

## ABSTRACT

This article presents a methodological alternative for analyzing representativeness in media products, developed from prior work (Souza, 2021). We use the term representativeness, while in previous work we used representativity to refer to the same concept; here we adopt the more standard term. The procedure unfolds in four steps: (1) observation of representations; (2) definition of control images; (3) identification of axes of resistance to the control images (Collins, 2019a) within the situated representations; and (4) application of the Representativeness Test using a three-point ordinal scale (0–1–2). Our thesis is that representativeness can be measured, provided it is conceived as a process; accordingly, we aggregate the scores of each indicator into a mean (0–2), which indicates higher or lower levels of representativeness in each product, rather than a binary label of “representative” or “non-representative”.

**Keywords:** Analysis methodology; Axes of resistance; Controlling images; Representativeness.

## RESUMEN

Este artículo presenta una alternativa metodológica para analizar la representatividad en productos mediáticos, desarrollada a partir de trabajos anteriores (Souza, 2021). El procedimiento se organiza en cuatro pasos: (1) la observación de las representaciones; (2) la definición de las imágenes de control; (3) la identificación de los ejes de resistencia a las imágenes de control (Collins, 2019a) en las representaciones localizadas; y (4) la aplicación del Test de Representatividad con una escala ordinal de tres puntos (0–1–2). Nuestra tesis es que la representatividad puede medirse, siempre que se conciba como proceso; en ese sentido, combinamos las puntuaciones de cada indicador en una media (0–2), lo que indicará un mayor o menor nivel de representatividad en cada producto, en lugar de una etiqueta binaria de “representativo” o “no representativo”.

**Palabras clave:** Ejes de resistencia; Imágenes de control; Metodología de análisis; Representatividad.

## 1. INTRODUÇÃO

Cada vez mais popular em debates contemporâneos, o termo “representatividade” ainda apresenta lacunas sobre a sua definição. Por vezes, é acionado como sinônimo de representação, tanto no sentido de dizer de algo que consegue representar um indivíduo/grupo social de forma não estereotipada quanto no sentido de apenas indicar a presença quantitativa desse grupo em determinado produto. Em outros momentos, é apresentada como uma nova perspectiva, mas sem uma fundamentação precisa sobre. Nossa inquietação parte, assim, dessa falta de precisão em torno do termo e do tema e pode ser anunciada nos seguintes

questionamentos: o que seria, de fato, a representatividade e como apreender, metodologicamente, esse fenômeno?

Na tentativa de responder a tais perguntas, neste artigo trazemos dois achados de nosso percurso acadêmico (Pilar, 2021; Souza, 2021): uma proposta de definição para a noção de representatividade simbólica e uma proposta de metodologia de análise para apreendê-la em produtos midiáticos do entretenimento, em especial os ficcionais — embora não se limite a esses. A escolha por focar na mídia se justifica tanto por nosso objetivo de apreender a representatividade simbólica quanto por se tratar de um espaço privilegiado para compreendermos melhor alguns aspectos da nossa sociedade (Simões, 2004), ademais a televisão aberta como objeto empírico se relaciona ao seu alcance social e ao capital simbólico que mobiliza.

Cabe ressaltar que tal espaço pode ou não refletir os apagamentos de grupos sociais que, historicamente, permaneceram à margem, não possuindo grande visibilidade ou poder para barganhar esse lugar (Araújo, 2006; Grijó; Sousa, 2012). Esse é o caso das mulheres negras, cujas aparições em telenovelas brasileiras costumavam apresentar sempre as mesmas narrativas, que limitavam a perspectiva de representação de um grupo inteiro e tinham um papel crucial na formação do imaginário sobre esse grupo — como exemplo recorrente, a personagem da empregada doméstica, que não possuía muitas falas, estava à disposição dos patrões e não tinha um enredo fora do ambiente de trabalho. Nesse contexto, produções que ampliam as representações de um grupo podem tensionar estereótipos e contribuir para a constituição de um novo imaginário.

Salientamos também que pensar em uma definição para representatividade não parte de um propósito invencionista, mas pragmático: a busca por conceituar algo que já vem sendo utilizado pelo meio acadêmico e pela sociedade a partir de diversos olhares. Além disso, o objetivo deste artigo não é abarcar o fenômeno em sua totalidade, mas operacionalizá-lo de forma metodológica, compreendendo-o como um processo relacional e situacional.

Isto posto, este artigo está dividido em quatro seções. Na primeira, trazemos a relevância do conceito de representação, no qual discutimos o que é a representação e sua relação com a representatividade. Na segunda, abordamos os conceitos de estereótipos e imagens de controle para pensarmos a importância de que a representatividade diga para além da presença, com base nos autores Stuart Hall, Patricia Hill Collins e Lélia Gonzalez. Na terceira seção, apresentamos a noção de representatividade e um Teste de Representatividade,

ambos resultantes de pesquisas anteriores (Pilar, 2021; Souza, 2021). Por fim, apresentamos nossas considerações finais.

## 2. O PONTO DE PARTIDA INTERDISCIPLINAR: A QUANTIDADE E A QUALIDADE

A partir dos poucos estudos específicos que se tem sobre a temática até o momento (Chinen, 2013; Guimarães, 2017; Silva, 2018; Nwabasili, 2017), entende-se que a representatividade tem como seu primeiro princípio uma representação — ou seja, é preciso que algo/alguém esteja ali sendo representado (Pilar, 2021; Souza, 2021). Nesse sentido, depreendemos que a presença de determinado grupo é relevante para compreender a representatividade. Porém, a persistência no uso da “nova” expressão e os inúmeros debates ressaltando que a representatividade é dotada de um teor político, parecem indicar que a representação, como conceito, não abarca por completo a noção de representatividade. Com base nisso, construímos um percurso teórico que condensa um breve panorama dessa perspectiva que vem ganhando fôlego nos últimos anos.

Iniciamos pelos estudos de Rodrigues e Abreu (2019), para os quais a representatividade, em uma perspectiva de representação política, pode ser entendida pela articulação do quantitativo (presença) com o qualitativo (busca por representar demandas e interesses). A pesquisa dos autores aborda as eleições de 2018 para a Câmara Federal, observando especificamente as candidatas Áurea Carolina e Talíria Petrone, mulheres negras, e apresenta a importância do aumento da participação de grupos minoritários no cenário político, posto que se trata de representantes que falam em nome de suas pautas. Para os autores,

A ocupação de espaços institucionais por mulheres negras, nesse sentido, é uma manifestação que põe em pauta as características desses espaços. A vereadora Marielle Franco foi parte de um processo desse tipo. Após trabalhar na Comissão de Direitos Humanos da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, foi a quinta candidata mais votada nas eleições de 2016. Além das suas posturas de defesa dos direitos humanos e combate à milícia, era uma mulher negra, lésbica, moradora da favela e mãe. Marielle constituía, assim, uma figura provocadora para o sistema democrático. (Rodrigues; Abreu, 2019, p. 9)

Se aplicarmos os pensamentos dos autores a um produto midiático, em que há uma combinação do quantitativo com algo qualitativo, seria suficiente para falar em

representatividade em produtos midiáticos? O que seria esse algo qualitativo necessário? Apresentar personagens pertencentes a um grupo minorizado seria suficiente? Um personagem complexificado, mas carregado de estereótipos, por exemplo, seria representativo?

No Campo da Comunicação, nossa área<sup>2</sup>, a noção de representatividade se confunde com a de representação, portanto, partimos dessa perspectiva. Para França (2004) e Simões (2010), as representações seriam um conjunto de sentidos que devem ser abordadas levando em consideração os sujeitos, os significados e os contextos que as constituem. Para Simões (2010), “as representações povoam a vida cotidiana” (p. 1) e para França (2004), em uma perspectiva próxima, elas:

estão intimamente ligadas a seus contextos históricos e sociais por um movimento de reflexividade – elas são produzidas no bojo de processos sociais, espelhando diferenças e movimentos da sociedade; por outro lado, enquanto sentidos construídos e cristalizados, elas dinamizam e condicionam determinadas práticas sociais. Na sua natureza de produção humana e social, têm uma dimensão interna e externa aos indivíduos, que percebem e são afetados pelas imagens (passam por processos de percepção e afecção) – e, desses processos, as devolvem ao mundo na forma de representações (França, 2004, p. 19)

As autoras têm por base Hall (2016)<sup>3</sup>, para quem, ancorado principalmente no trabalho de Foucault, as representações são conhecimentos elaborados através de discursos relacionados ao poder, que podem regular condutas e construir identidades.

Com base nesses autores, entendemos que ao apontar que a comunicação está inserida na circulação e constituição dos sentidos, Hall (2005, 2016) enxerga na linguagem um instrumento fundamental para a formação das representações. Para ele, portanto, a representação seria aquilo que “permite nos referirmos ao mundo real dos objetos, sujeitos ou acontecimentos, ou ao mundo imaginário de objetos, sujeitos e acontecimentos fictícios” (Hall, 2016, p. 34) e que ocorre por meio de dois sistemas.

O primeiro diz da conexão que formamos com as representações mentais ou conceitos que já carregamos em nossos pensamentos, que contribui para a criação de referências e

---

<sup>2</sup> Destacamos que não desassociamos a política da representação simbólica ou a simbologia da representação política institucional, mas por tratarmos das representações de mulheres negras em um produto midiático o conceito de representação simbólica está mais presente.

<sup>3</sup> Nossa escolha teórica pelos estudos de Hall parte de suas pesquisas sobre as representações de pessoas negras, principalmente sobre estereótipos, e sua contribuição para a percepção de que as representações estão inseridas na circulação do poder.

categorias dentro e fora da nossa consciência — é com base nessas conexões que entendemos o mundo. Portanto, segundo o autor, os significados dependem do “sistema de conceitos e imagens formados em nossos pensamentos, que podem ‘representar’ ou ‘se colocar como’ o mundo” (Hall, 2016, p. 34).

O segundo sistema de representação refere-se à linguagem, pois é por meio dela que esses mapas são compartilhados e compreendidos. Essa linguagem carregada de sentido se manifesta como palavras, sons ou imagens — elementos que, no campo da semiótica, são chamados de signo. Os signos, entretanto, precisam ser interpretados, pois carregam sentidos próprios. Esses sentidos se constituem pelo sistema de representação mental mencionado anteriormente e só podem ser compartilhados e compreendidos dentro de uma cultura, por meio da linguagem em processos comunicativos, ou seja, em interação.

Assim, no Campo da Comunicação, a representação pode ser compreendida como um processo em que os integrantes de uma determinada cultura utilizam a linguagem para a produção de sentidos. Os sentidos dados às coisas do mundo são produzidos pelos indivíduos em uma prática social que articula coisas, conceitos e signos. Como todo processo simbólico, os sentidos precisam ser interpretados e essa interpretação ocorre por meio do uso de códigos. Tais códigos, assim como os próprios sentidos, não são fixos ou imutáveis, mas são constantemente traduzidos e ressignificados através da linguagem.

Essa mutabilidade dos códigos e dos sentidos é destacada por Hall (2016), que chama atenção para a importância de compreendermos os efeitos e os resultados da representação na sociedade (Santi; Santi, 2008). É justamente a partir dessa perspectiva que ele analisa a representação como prática, tomando os estereótipos como eixo central de sua abordagem como abordaremos no próximo tópico.

O exposto acima nos ajuda a mapear algumas características recorrentes em relação ao tema representatividade: I) é preciso que algo esteja sendo ali (no produto midiático) representado, II) esse algo estimulará a construção de sentido sobre si e III) esse algo precisará ser interpretado.

### **3. O QUALITATIVO: OS ESTEREÓTIPOS E AS IMAGENS DE CONTROLE**

Se as representações possuem certa flexibilidade quanto aos códigos e sentidos, é relevante pensar aquelas que envolvem os grupos chamados de maiorias minorizadas (Santos,

2020)<sup>4</sup>. Afinal, podem carregar sentidos valorativos que, para grupos marginalizados, historicamente se mostram problemáticos e podem reforçar dinâmicas sociais de exclusão, desigualdade e opressão. Nesses casos, a nosso ver, é preciso sobrepor a perspectiva qualitativa à quantitativa. Isto é, não basta que existam representações, se elas definirem um grupo a partir de uma visão limitada sobre ele. Processo que Hall (2016) define como estereotipagem.

Para Hall (2016), os estereótipos são um “conjunto de práticas representacionais” (p. 190): um fenômeno que reduz um grupo a determinadas características, vinculando-o apenas a elas, como se fossem naturais. Esse processo “reduz, essencializa, naturaliza e fixa a ‘diferença’” (p. 191), separando o normal do diferente. Além disso, a estereotipagem “tende a ocorrer onde existem enormes desigualdades de poder” (p. 192), de modo que aqueles marcados pela diferença acabam excluídos dos papéis sociais hegemônicos.

Se, para Hall, as representações estereotipadas se constituem na relação entre poder, conhecimento, corpo e discurso, para Patricia Hill Collins (2019a), o processo de estereotipagem funciona como justificativa para que certas opressões sejam naturalizadas e reproduzidas continuamente. Para ela, portanto, os estereótipos seriam, na verdade, imagens de controle. Esse conceito designa representações baseadas em mitos, histórias, estigmas etc., que orientam a conduta das pessoas e definem como elas serão avaliadas e cobradas pela sociedade, sobretudo pelo grupo hegemônico. Assim, as imagens de controle são “uma variedade de imagens externamente definidas, projetadas para controlar o comportamento assertivo das mulheres negras” (Collins, 2016, p. 103).

Cabe destacar que, embora as imagens de controle incidam sobre diferentes pessoas e grupos, no caso das mulheres negras elas partem sempre de lógicas negativas (Collins, 2019b). Essas imagens atuam como uma forma de justificar e naturalizar opressões inter cruzadas, que derivam de diferentes marcadores sociais como raça e gênero. Uma vez naturalizadas, tornam-se pouco ou nada contestadas.

Collins (2019a) apresenta cinco imagens de controle que atuam sobre as mulheres negras estadunidenses: a *mammy*, a matriarca, a mãe dependente do Estado (que evolui para a figura da rainha da assistência social) em contraste à imagem da dama negra, e a

<sup>4</sup> “Grupo social majoritariamente formado por pretos e pardos (negros) conforme categorização do IBGE que, conquanto conformem a maioria demográfica da população brasileira, é minoria em termos de acesso a direitos, serviços públicos, representação política, e, que racializados como seres inferiores, sofrem apagamento (...)” (Santos, 2020, p. 23).

*jezebel/hoochie*. A imagem de controle da *mammy* representa “a serviçal fiel e obediente” (Collins, 2019a, p. 140); a matriarca negra diz da posição das mulheres em suas próprias famílias, e contrasta diretamente com a primeira imagem, que reduz as mulheres negras aos papéis desempenhados em seus ambientes de trabalho; a mãe dependente do Estado atinge mulheres pobres que fazem uso das políticas públicas de ajuda do Estado; a dama negra diz das mulheres negras de classe média e com sucesso profissional que, portanto, afastariam homens ou causariam uma desestruturação nas famílias.

Por fim, a imagem de controle da jezebel (atualizada para *hoochie*, termo pejorativo para se referir a jovens mulheres que, supostamente, exalam promiscuidade) culpabiliza a sexualidade de mulheres negras em diversos âmbitos — se seguem a heteronormatividade, são assertivas e, por isso, o assédio sexual contra elas é naturalizado; se são desviantes do papel de gênero determinado socialmente para mulheres, se tornam anormais. Assim, a *jezebel/hoochie* escancara o padrão heteronormativo e “se torna um símbolo racializado e generificado da sexualidade feminina desviante” (p. 157).

Em outras palavras, todas essas imagens de controle definidas por Collins (2019a) podem ser apreendidas em: a imagem da empregada fiel e obediente, a imagem da mãe negra culpada pelos problemas da comunidade, a mulher negra dependente de políticas públicas, a mulher negra que ascendeu socialmente e a mulher negra sexualizada.

Para fins de adequação contextual a este artigo, cabe salientar que também existem imagens de controle que incidem mais especificamente sobre as mulheres negras brasileiras. Essas podem ser analisadas a partir do pensamento de Lélia Gonzalez (1984), que, embora não use o termo imagem de controle, identifica três representações recorrentes das mulheres negras, que podem ser entendidas por essa perspectiva: a mulata, a empregada doméstica e a mãe preta. A empregada doméstica pode ser representada de diversas formas: desde a figura marcada pela invisibilidade até a da confidente de seus empregadores. Em última instância, trata-se da serviçal que é “quase” da família. Já a mãe preta corresponde àquela que o grupo hegemônico nomeia como “mãe de criação”, devotada à família branca e responsável por tarefas ligadas ao cuidado. Por fim, a mulata, historicamente vinculada à hipersexualização, passou por uma atualização de sua imagem, mas manteve as marcas de objetificação sexual. Nesse sentido, permanece associada ao senso comum que relaciona a mulher negra à luxúria e ao pecado (Barbosa, 2004).

Em pesquisa anterior (Souza, 2021), a partir de contribuições de outros trabalhos<sup>5</sup>, definimos também as seguintes imagens de controle que atuam sobre mulheres negras brasileiras: mulher negra forte, em que por ser forte e resistente pode ser privada não só de afeto e apoio, mas também do amparo das políticas públicas; mulher negra agressiva pode ser tanto a imagem de controle, pois vai justificar diversas opressões (como a solidão), como pode ser um traço presente em outras imagens de controle; em contraste a ela, surge a mulher negra conformada, que diz da submissão de mulheres negras pois deveriam ser gratas pelo espaço que ocupam; e, por fim, a mulher negra inconsequente, relacionada a pessoa infantil ou ingênua, com pouca intelectualidade e ações passionais ou impensadas.

Antes de prosseguir, vale ressaltar que o conceito de Collins, imagens de controle, pode ser aplicado a outros grupos socialmente marginalizados.

O percurso teórico apresentado até aqui parece nos mostrar, portanto, que a qualidade das representações simbólicas precede a quantidade quando buscamos desvendar a representatividade simbólica. Não basta que exista presença, é preciso que essa presença combata ou não reforce opressões. Nesse sentido, por exemplo, Ward (2004) questiona que existe não apenas uma falta de representações de grupos marginalizados em produtos midiáticos, mas também uma representação “unidimensional” (p. 284), ou seja, que possui apenas uma dimensão e não é complexificada.

#### **4. O POTENCIAL HEURÍSTICO DA REPRESENTATIVIDADE: UMA PROPOSTA DE TESTE DE REPRESENTATIVIDADE EM PRODUTOS MUDIÁTICOS**

A partir de todos os aspectos teóricos aqui abordados, depreendemos a representatividade como um conjunto de elementos sógnicos que constituem um processo voltado à presença (e a produção de sentidos) de grupos minorizados em produtos midiáticos de forma qualificada. Isso significa narrativas construídas com camadas, pluralidades e complexidades, que não necessariamente se traduzem em representações apenas positivas.

De forma detalhada, a nosso ver, e a partir da base teórica citada, a representatividade é definida pela representação como presença (é preciso estar ali), pelo caráter quantitativo (não basta um), pela não-estereotipação (portanto, que não se limitem a reproduzir imagens de controle sobre determinados grupos), e pelas narrativas com camadas (que articulam uma

---

<sup>5</sup> Gonzalez (1984); Borges (2016); Candido e Feres Júnior (2019).

busca por resistir as imagens de controle, por meio da autodefinição<sup>6</sup>, autovalorização<sup>7</sup>, autossuficiência<sup>8</sup> e transformação individual<sup>9</sup>). A partir desses critérios, entendemos que mais do que uma definição conceitual a representatividade é um parâmetro normativo que norteia (ou deveria nortear) as produções ficcionais.

A partir desse achado, com base no teste de Bechdel<sup>10</sup> e em todo percurso até aqui elaborado, criamos um Teste de Representatividade, que acreditamos poder ser aplicado a vários outros produtos midiáticos.

O Teste de Representatividade é composto de sete eixos, que se desdobram em perguntas que podem ser adaptadas a diversos grupos marginalizados. São nossos eixos: 1) o da representação, entendida inicialmente como a presença; 2) o do quantitativo, que entende que a presença não pode ser única; 3) o dos não-estereótipos, para a busca por uma não redução a poucas características; 4) o dos personagens, avaliando se há complexidade de suas histórias e suas falas; 5) o das camadas, a partir da perspectiva de representações unidimensionais de Ward (2004); 6) o do protagonismo pensando no local que essas personagens ocupam na trama; e 7) o de ter na produção pessoas pertencentes ao grupo minorizado que será representado. Esses eixos, em conjunto, completam o que propomos aqui por representatividade e podem ser replicados para outros grupos ou produtos midiáticos.

A proposta de trabalhar com eixos é relevante para demonstrar que nem sempre um produto responderá a todos os requisitos para se afirmar como representativo, mas isso não significa que ele não tenha iniciado tal processo. Assim, cada um dos eixos diz de um nível da representatividade. Ou seja, o teste foca no nível de representatividade de um produto

---

<sup>6</sup> A autodefinição busca “posicionar o ‘eu’ no centro da análise” (Collins, 2019a, p. 203) com objetivo de que as mulheres negras possam não só externalizar a forma como se sentem em relação ao mundo, mas também entender o que essas opressões causaram nelas mesmas ao longo dos anos, a partir de um entendimento sobre sua identidade.

<sup>7</sup> Se a autodefinição diz do entendimento do objetivo das imagens de controle e, portanto, de como as rejeitá-las, a autovalorização diz do impacto que essas imagens de controle têm sobre as mulheres negras e a importância de se valorizar e se respeitar (Collins, 2019a).

<sup>8</sup> Esse processo de valorizar a independência e a forma como mulheres negras conseguem driblar as opressões para sustentar a si e suas famílias também é um dos caminhos para se contestar e resistir às imagens de controle, pois “põe claramente em xeque as ideias dominantes a respeito da feminilidade” (Collins, 2019a, p. 209).

<sup>9</sup> Para Collins, apesar do caráter individual das autodefinições, elas também contribuem para um empoderamento coletivo, pois se têm várias mulheres negras com pensamentos críticos e politizados sobre sua situação, “uma consciência transformada encoraja as pessoas a mudar as condições de sua vida” (Collins, 2019a, p. 211).

<sup>10</sup> No teste de Bechdel, criado pela cartunista Alison Bechdel no quadrinho *Dykes to Watch Out For* (1985), as perguntas são acerca das representações de mulheres no cinema, e busca identificar se o filme tem: 1) no mínimo duas personagens mulheres, 2) que falem entre si, 3) sobre algo que não seja os homens (Waletzko, 2017). O teste, ainda que atual, deixa de lado algumas outras questões (Liao, 2017), por isso o site *FiveThirtyEight* sugeriu novas categorias (como a participação na produção).

midiático. O que permite um levantamento menos condenatório e mais produtivo. Cabe dizer que o teste serve para produtos midiáticos em geral; aqui o detalhamos e o aplicamos ao audiovisual, como mostrado em breve.

Para lidar com especificidades do audiovisual, a codificação observa três níveis: personagem, cena e obra<sup>11</sup> (Quadro 1). A escala ordinal, no formato 0–1–2<sup>12</sup> e com descritores para cada nível, reduz a perda de informação do binário (sim ou não, que permitiria apenas dizer se algo é ou não representativo), e possibilita perceber nuances de protagonismo e de diversidade das narrativas seriadas e filmes. Assim, a escala 0–1–2 se traduz em: 0 = não; 1 = parcialmente; 2 = sim. Para realizar o cálculo da média, somam-se as notas atribuídas aos sete indicadores (cada um avaliado em 0–1–2) e divide-se pelo número de itens. Para a interpretação do nível de representatividade, adotamos os cortes de 0 a 0,6 o resultado é igual a baixa representatividade; de 0,7 a 1,3 o resultado é igual à média representatividade; por fim, de 1,4 a 2,0 o resultado é de alta representatividade.

Cabe destacar que o Teste de Representatividade possui um caráter exploratório e envolve o julgamento interpretativo dos pesquisadores, assim diferentes leituras podem resultar na atribuição de indicadores e pontuações distintas a partir dos mesmos critérios. Nesse sentido, a replicabilidade integral deste método ainda é limitada e, em pesquisas futuras, recomenda-se a dupla leitura e o uso de medidas de concordância.

EIXO	INDICADOR	PONTUAÇÃO 0	PONTUAÇÃO 1	PONTUAÇÃO 2
<b>A representação</b>	Presença do grupo	Ausentes	Presença episódica/figurantes sem impacto	Presença clara no elenco com relevância narrativa

<sup>11</sup> Para qualificar a interpretação das personagens, observamos marcadores como raça, gênero e outros. Realizamos três passos: (a) registrar a presença do grupo; (b) atribuir nota 0–1–2 conforme os critérios do indicador; (c) anotar cruzamentos relevantes (por ex. mulher negra protagonista). Ver Crenshaw (1991) para interseccionalidade e Carrera (2021) para roleta interseccional.

<sup>12</sup> Na versão original desta pesquisa (Souza, 2021), o quadro foi criado a partir de uma interpretação que considerava “sim”, “não” e “sim e não”. Mas para desenvolvimento posterior e a partir de contribuições de terceiros, acreditamos que a versão por escala facilite na aplicação do método.

<b>O quantitativo</b>	Número mínimo	Menos de três personagens	Três personagens com baixa centralidade	Três ou mais personagens com papéis relevantes <sup>13</sup>
<b>Os não-estereótipos</b>	Estereótipos e enquadramentos	Estereótipos acentuados e não tensionados	Misto: alguns estereótipos estão ausentes ou são atualizados, outros presentes	Estereótipos ausentes ou criticamente tensionados
<b>As personagens</b>	Autonomia (agência), autodefinição e outros eixos de resistência	Quase nunca	Alguns eixos presentes, outros ausentes	Conjunto consistente de autonomia (agência) e eixos de resistência.
<b>As camadas</b>	Desenvolvimento de arcos	Arcos rasos ou episódicos	Parte tem desenvolvimento	Arcos complexos e sustentados
<b>O protagonismo</b>	Posição narrativa	Nenhuma protagonista	Protagonismo parcial (por ex. um/uma em um conjunto)	Protagonismo claro (um ou mais centrais)
<b>A produção</b>	Autoria e bastidores	Ausentes	Presença pontual em alguma função	Presença plural em funções-chave (roteiro, direção, produção etc.)

Quadro 1 – Teste de representatividade. Fonte: Elaborado pela autora.

A título de exemplo, tomamos como objeto a ser analisado em nosso teste o produto midiático *Malhação: Viva a Diferença*<sup>14</sup>, que se destacou entre os anos 2017 e 2018 pela proposta de diversidade das protagonistas. A 25ª temporada do seriado *Malhação* (2017/2018), exibida pela Rede Globo, teve como enredo a valorização da diversidade e da amizade a partir da história de cinco garotas que cursam o ensino médio. Dirigida por Paulo Silvestrini e escrita por Cao Hamburger, a temporada foi destaque entre o público ao registrar a maior audiência do seriado desde 2009, receber o prêmio de melhor série no *Emmy Internacional Kids* em 2018 e originar uma continuação (*spin-off*) intitulada *As Five*,

<sup>13</sup> Papel relevante diz de um personagem com função narrativa identificável (fala recorrente, arco próprio, impacto em decisões/rumo da trama etc.)

<sup>14</sup> Foi exibida pela primeira vez entre 08 de maio de 2017 a 05 de março de 2018, com 213 capítulos. Em razão da pandemia do novo Coronavírus (Covid-19) e, portanto, a pausa nas gravações das telenovelas, a temporada foi reexibida na Rede Globo em 2020. Disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/televisao/2020/04/vencedora-do-emmy-malhacao-viva-a-diferenca-retorna-a-globo-com-a-historia-de-cinco-amigas.shtml>. Acesso em: 08 jun. 2020.

produzida pelo serviço de streaming da emissora, o Globoplay. Em análise, estavam as personagens mulheres negras Ellen (uma das protagonistas da edição), a diretora de escola Dóris, a avó de Ellen, Das Dores, e a mãe de Ellen, Nena.

Aplicado a *Malhação: Viva a Diferença* (ver Quadro 2), o instrumento obteve média 1,29 (com escala ordinal de três pontos (0–1–2)), classificando a temporada como de representatividade média. Para chegar a esse valor, foram somadas as notas atribuídas aos sete indicadores (cada um avaliado em 0–1–2) e dividiu-se pelo número de itens; nesta aplicação,  $9 \div 7 = 1,29^{15}$ . Uma análise deste resultado mostra como ele foi alavancado pela representação e pelo quantitativo (mais de três personagens mulheres negras com relevância), mas fica menor porque as personagens nem sempre têm autonomia nem arcos consistentes, o protagonismo é restrito e a produção tem pouca diversidade.

<b>EIXO</b>	<b>PERGUNTA APLICADA AO OBJETO</b>	<b>PONTUAÇÃO (0–2)</b>	<b>OBSERVAÇÕES (JUSTIFICATIVA)</b>
<b>A representação</b>	Existem personagens mulheres negras em <i>Malhação: Viva a Diferença</i> ?	2	Sim, existem personagens mulheres negras na telenovela.
<b>O quantitativo</b>	Existem pelo menos três personagens mulheres negras?	2	Sim, ao menos quatro personagens mulheres negras.
<b>Os não-estereótipos</b>	Essas personagens reproduzem estereótipos (empregada doméstica, “mãe preta”, hipersexualizada, etc.)?	1	Alguns estereótipos não estão presentes, outros foram atualizados ou ressignificados.
<b>As personagens</b>	Essas personagens conseguem se autodefinir, se autovalorizar, ser autossuficientes e ter mudança individual?	1	Eixos de resistência evidentes (autodefinição), outros não (como autossuficiência).

<sup>15</sup> Não realizamos teste formal de confiabilidade. Para dar transparência, usamos descrições (âncoras) claras na escala 0–1–2 e registramos exemplos na coluna “Observações”.

<b>As camadas</b>	As histórias dessas personagens possuem desenvolvimento?	1	Ellen e Dóris são desenvolvidas; Das Dores e Nena menos.
<b>O protagonismo</b>	As personagens mulheres negras são protagonistas?	1	Das quatro analisadas, apenas uma é listada como protagonista.
<b>A produção</b>	Há mulheres negras na produção/por trás das câmeras?	1	Renata Martins (mulher negra) como roteirista colaboradora; ausência na direção.

Quadro 2 – Teste de representatividade aplicado a *Malhação: Viva a Diferença*. Fonte: Elaborado pela autora.

Outro importante fator depreendido a partir do teste é que representatividade não quer dizer, necessariamente, enredos positivos. O que acreditamos ser importante são as camadas e desenvolvimentos dos personagens. Afinal, se a estereotipagem e as imagens de controle roubam a humanidade por meio da redução de características, o processo contrário é a complexificação, não o desenvolvimento de uma entidade exclusivamente e, portanto, não-humanamente, bondosa.

Por exemplo, a mulher negra no papel de empregada doméstica por si só não é algo condenatório, posto que se trata de uma categoria profissional digna, como qualquer outra. O ponto de reflexão é: as mulheres negras deste produto estão apenas nesse lugar? Elas têm um enredo que desenvolve o seu personagem? Elas possuem família, nome e sobrenome? Essa profissão é o único enredo da personagem ou isso é desenvolvido ao longo da trama? Essa personagem é reduzida apenas a uma única característica?

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como objetivo apresentar alguns resultados da nossa pesquisa de dissertação. A proposta foi a de que o conceito de representatividade emana sentidos próprios que o diferenciam da noção de representação. Tais como uma presença quantitativa, uma busca por mais do que os não-estereótipos e uma qualificação das histórias, trazendo personagens complexos e com camadas. Em conjunto com a metodologia aplicada,

consideramos que a perspectiva de representatividade não deve ser vista apenas como ampliada, mas como normativa e que isso nos leva a considerá-la como um processo.

A partir dessas perspectivas, construímos o Teste de Representatividade, que apresentamos neste artigo, um mecanismo que pode auxiliar pesquisadores e a sociedade civil a compreenderem melhor as representações de determinados produtos e se eles estão inseridos no processo em busca de uma representatividade. Esse teste está configurado em sete eixos: a representação, o quantitativo, os não-estereótipos, os personagens, as camadas, o protagonismo e a produção.

Os sete eixos se fundamentam no referencial teórico construído ao longo desta pesquisa, a saber: a representação, sobre a presença; o quantitativo, sobre existir mais de uma única presença; os não-estereótipos, para a busca por uma reprodução de novas representações ou representações diversas; os personagens, para a caracterização do enredo, falas e tramas, assim como a forma que elas se apresentam; as camadas, sobre o desenvolvimento das histórias dessas personagens que se relacionam aos não-estereótipos (ou a presença que pode ser complexa); o protagonismo, assim como a pergunta sobre a produção/quem está por trás das câmeras foram inspirados no teste de Bechdel (em sua versão atualizada pelo site *FiveThirtyEight*<sup>16</sup>).

Ao aplicarmos o teste a um produto, verificamos que nem as imagens de controle e nem os eixos de resistência estavam presentes em sua totalidade no enredo da telenovela *Malhação: Viva a Diferença*, nas falas e no desenvolvimento das personagens analisadas. Alguns foram explícitos, outros implícitos e outros não foi possível apreender nas cenas analisadas. Nesse sentido, chegamos ao nosso primeiro achado de pesquisa: a representatividade é um processo e, apesar de ter um caráter normativo, os produtos podem ser mais ou menos representativos, em vez de serem representativos ou não representativos.

Nosso segundo achado de pesquisa é determinado pelo caráter das representações. Compreendemos que elas não precisam estar atreladas apenas a uma positividade dos enredos e da personalidade dos personagens, já que estamos observando um grupo heterogêneo e plural. Os personagens precisam, de fato, terem enredos desenvolvidos e não reduzidos a determinadas características (os estereótipos). Compreender a representatividade como um

---

<sup>16</sup> O texto original do FiveThirtyEight está indisponível, por isso, referenciamos o vídeo em que os autores apresentam e discutem achados equivalentes ao texto original (Hickey et al., 2018).

processo que dá a ver sentidos plurais e com camadas sobre grupos minorizados, destaca a importância dessa noção.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Joel Zito. A força de um desejo – a persistência da branquitude como padrão estético audiovisual. **Revista USP**, São Paulo, n. 69, p.72-79, 2006. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13514>. Acesso em: 07 jul. 2020.

BARBOSA, Luciene Cecilia. Situações de Racismo e Branquitude Representadas na Telenovela "Da Cor do Pecado". In: XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, NP 14 – Ficção Seriada, Porto Alegre, 2004. **Anais...** Porto Alegre, Intercom. pág.1-13. Disponível em: <https://portcom.intercom.org.br/pdfs/167494249059359727335789813482539549294.pdf>. Acesso em: 03 jun. 2020

BORGES, Rosane. **Esboços de um tempo presente**. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

CANDIDO, Marcia Rangel; FERES JUNIOR, João. Representação e estereótipos de mulheres negras no cinema brasileiro. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 27, p. 1-13, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/5zzSXRTXZgsN8CMcYjhYQvg>. Acesso em: 07 jul. 2020.

CARRERA, Fernanda. Para além da descrição da diferença: apontamentos sobre o método da roleta interseccional para estudos em comunicação. **Liinc em Revista**, v. 17, n. 2, e5715, 2021.

CHINEN, Nobuyoshi. **O papel do negro e o negro no papel**: representação e representatividade dos afrodescendentes nos quadrinhos brasileiros. 2013. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com o outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Revista Sociedade e Estado**, v. 31, nº 1, Florianópolis, jan/abril, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/MZ8tzzsGrvmFTKFqr6GLVMn/>. Acesso em: 26 mai. 2020.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo: Boitempo, 2019a.

COLLINS, Patricia Hill. **Patricia Hill Collins explica pensamento feminista negro: #1 Imagens de controle**. [São Paulo] Boitempo Editorial, 2019b. 1 vídeo (8 min e 24 seg). Publicado por TV Boitempo. Disponível em: <https://youtu.be/XVdbyhuAJEs>. Acesso em: 26 mai. 2020.

CRENSHAW, Kimberle. Mapping the margins: Intersectionality, identity politics, and violence against women of color. *Stan. L. Rev.*, v. 43, p. 1241, 1991.

FRANÇA, Vera Regina Veiga. Representações, mediações e práticas comunicativas. In: M. PEREIRA; R. C. GOMES; V. L. F. FIGUEIREDO (org). **Comunicação, representação e práticas sociais**. Rio de Janeiro, PUC Rio; Aparecida: Idéias & Letras, 2004. p. 13-26.

GUIMARÃES, Joana Silvestre. **Mulher negra e representatividade**: uma análise das produções audiovisuais brasileiras em 2016. Rio de Janeiro, 2017. Monografia (Graduação em Comunicação Social/Jornalismo) — Universidade Federal do Rio de Janeiro — UFRJ, Escola de Comunicação — ECO.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: L. A. M. SILVA et al. Movimentos sociais urbanos, minorias étnicas e outros estudos. **Ciências Sociais Hoje**, Brasília, ANPOCS n. 2, p. 223-244, 1984.

GRIJÓ, Wesley Pereira; SOUSA, Adam Henrique Freire. O negro na telenovela brasileira: a atualidade das representações. **Estudos em Comunicação**, n. 11, p. 185-204, 2012. Disponível em: <https://www.ec.ubi.pt/ec/11/pdf/EC11-2012Mai-09.pdf>. Acesso em: 24 jul. 2018.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-RIO: Apicuri, 2016.

HALL, Stuart. Raça, cultura e comunicações: olhando para trás e para frente dos Estudos culturais. **Revista Projeto História**, São Paulo: EDUC, n. 31, 2005.

HICKEY, Walt; KOEZE, Ella; DOTTE, Rachael; WEZEREK, Gus. **FiveThirtyEight**: Roundtable discussion on “Creating The Next Bechdel Test”. [Vídeo]. ABC News, 17 jun. 2018. Disponível em: <https://abcnews.go.com/fivethirtyeight/video/fivethirtyeight-roundtable-discussion-creating-bechdel-test-55953184>. Acesso em: 30 jan. 2021.

LIAO, Shannon. **We can do better than The Bechdel Test**. The Verge, 2017. Disponível em: <https://www.theverge.com/2017/12/22/16807424/alternatives-bechdel-test-bad-moms-lena-waithe>. Acesso em: 30 jan. 2021.

NWABASILI, Mariana Queen. A altura das falas na realidade e na ficção audiovisual: reflexões sobre representação e representatividade. **NOVOS OLHARES (USP)**, volume 6, p. 129-146, 2017.

PILAR, Olívia. Resistência, imagens de controle e representatividade. In: Pâmela Guimarães-Silva. (Org.). **Orientação afirmativa: interseccionalidade e comunicação**. 1ed. Belo Horizonte: Selo PPGCOM/UFMG, 2021, v. 1, p. 51-66.

RODRIGUES, Cristiano; ABREU, Mariana Sales de A. MARIELLE VIROU SEMENTE?: A eleição de Áurea Carolina e Talíria Petrone como resistência às violências sofridas por corpos de mulheres negras. In: Congresso da Associação Brasileira e Pesquisadores em

Comunicação e Política, 2019, Brasília. **Anais [...]**. Brasília: Compolítica, 2019. Disponível em: [http://compolitica.org/novo/anais/2019\\_gt5\\_Rodrigues.pdf](http://compolitica.org/novo/anais/2019_gt5_Rodrigues.pdf). Acesso em: 02 fev. 2020.

SANTI, Heloise Chierentin; SANTI, Vilso Junior Chierentin. Stuart Hall e o trabalho das representações. **Anagrama**, v. 2 n. 1, 2008. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/35343/38063>. Acesso em: 09 mar. 2020.

SANTOS, Richard. **Maioria minorizada**: um dispositivo analítico de racialidade. Rio de Janeiro: Telha, 2020.

SIMÕES, Paula Guimarães. A centralidade da experiência na constituição das representações: contribuições interdisciplinares para o campo da comunicação. **E-Compós**, Brasília, v. 13, p. 1-17, 2010. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/420>. Acesso em: 24 jul. 2019.

SIMÕES, Paula Guimarães. **Mulheres Apaixonadas e outras histórias**: amor, telenovela e vida social. 2004. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) — Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

SILVA, Wagner Machado da. A telenovela e os negros: A representatividade étnica na Rede Globo entre 2011 e 2017. *In*: 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2018, Joinville. **Anais [...]**. Intercom: Joinville, 2018. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-0054-1.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2021.

SOUZA, Olívia Luiza Pilar de. **Representatividade importa? Representação, imagens de controle e uma proposta de representatividade a partir das personagens mulheres negras em “Malhação: Viva a diferença”**. 2021. Dissertação (Mestrado em Comunicação) — Universidade Federal de Minas Gerais, 2021.

WALETZKO, Anna. **Why the Bechdel Test Fails Feminism**. HuffPost, 2017. Disponível em: [https://www.huffpost.com/entry/why-the-bechdel-test-fails-feminism\\_b\\_7139510](https://www.huffpost.com/entry/why-the-bechdel-test-fails-feminism_b_7139510). Acesso em: 30 jan. 2021.

WARD, L. Monique. Wading Through the Stereotypes: Positive and Negative Associations Between Media Use and Black Adolescents' Conceptions of Self. **Developmental Psychology**, p. 284–294, 2004.

*Olivia Pilar*

Doutora e mestra em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Integra o Coletivo Marta (Grupo de Pesquisa em Comunicação e Culturas Esportivas) e o reparAÇÃO (Grupo de Pesquisa e Estudos Interseccionais em Comunicação, Poder e Resistência).



Esta obra está licenciada com uma Licença  
Creative Commons Atribuição-Não-Comercial-Compartilha Igual 4.0 Internacional